



## O movimento lésbico na ditadura militar

Jhamilly Mageski Lopes<sup>1</sup>, Júlia Figueiredo Costa<sup>2</sup>, Aline Nayara Garcia Guimarães<sup>3</sup>, Raquel Páscoa Veiga Frade Santana<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Direito, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR, Ji-Paraná/RO. E-mail: jhamilly.trabalhos@gmail.com;

<sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Direito, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR, Ji-Paraná/RO. E-mail: juliafi.jc@gmail.com;

<sup>3</sup>Professora do Curso de Direito, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR, Ji-Paraná/RO. E-mail: aline.guimaraes@saolucasjiparana.edu.br;

<sup>4</sup>Professora do Curso de Direito, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR, Ji-Paraná/RO. E-mail: raquel.santana@saolucasjiparana.edu.br.

### 1. Introdução

Para aqueles que desde a infância tiveram aulas de história no ensino fundamental e médio, é fácil compreender e associar o que foi a Ditadura Civil-Militar. Ocorrida no período de 1964 a 1985, foi um período marcado por uma série de políticas e práticas autoritárias, onde aqueles que discordavam do regime político eram caçados, torturados e mortos. Após o golpe, os militares assumiram o controle do país e retiveram o poder das mãos de seus líderes. Defendia-se que a intervenção era necessária para proteger o Brasil do comunismo, mas, na realidade, buscava-se estabelecer um governo pautado em seus próprios interesses.

No entanto, um aspecto não falado ou simplesmente esquecido da ditadura foi a perseguição à comunidade homossexual, sobretudo às mulheres lésbicas. Como afirma Oliveira (2017, p. 7), “Sendo alvo da perseguição da ditadura simplesmente por serem lésbicas e isoladas politicamente pela esquerda [...]”, as mulheres lésbicas eram párias na sociedade, estigmatizadas por seu próprio gênero e isoladas pelo movimento feminista.

Mesmo repreendidas pelo patriarcado, hostilizadas pelos defensores do “moralmente correto” e tendo seus direitos cerceados, o movimento lésbico brasileiro saiu das sombras e emergiu na sociedade brasileira. Assim, se torna importante falar desta comunidade que foi considerada irrelevante para a história, mostrando que os direitos e liberdades conquistados se deram a partir de muita resiliência, força e sangue.

### 2. Materiais e Métodos

Baseia-se em pesquisas bibliográficas de revisão documental e literária, com foco voltado para artigos sobre o contexto histórico da ditadura cívico-militar e os manifestos homossexuais.

### 3. Resultados e Discussões

A base do golpe civil-militar de 1964 era o conservadorismo. Sendo assim, qualquer comportamento que saísse da linha do ideal de “família tradicional brasileira” era visto como ameaça. A partir disso, uma onda de violência extrema foi direcionada às pessoas LGBT,

principalmente às mulheres lésbicas, que representavam tudo o que a família tradicional brasileira mais desprezava.

A ditadura foi uma época que restringiu direitos, ameaçou, torturou e matou pessoas que se opunham ao regime. Nesse contexto histórico, qualquer indivíduo que o regime militar deduzisse apoiar o comunismo era um inimigo nacional ou inimigo do país, passando a ser justificável a sua morte.

Ser gay/lésbica era relacionado ao comunismo, sobretudo por contrariar o que era imposto pelo ideal/tradicional da família brasileira. Naturalmente, a sociedade brasileira na época da ditadura militar se constituía majoritariamente pelo patriarcado e pela misoginia, motivo pelo qual o movimento lésbico brasileiro era fortemente reprimido e perseguido.

Diante deste cenário, a própria população incentivava a violência e morte direcionada a pessoas LGBT, comportamento este evidenciado pelo documentário realizado por Rita Moreira, Temporada de Caça, em que falas como “sim, já ouvi falar sobre o assassinato de homossexuais, e eu acho que tem mais que assassinar mesmo” representam o preconceito sofrido pelo grupo. Portanto, comportamentos ou ideias distintas das colocadas pelos grupos dominantes eram jogadas às margens da sociedade, ao mesmo tempo que eram alvo de criminalização pelo Estado.

Em igual sentido, destaca-se trecho da entrevista com Blanca Canales citada por LENZI (2018), em que ela diz:

À noite, uma lésbica ao lado de um menino desses [referindo-se ao que hoje seriam homens trans, mas na época eram lésbicas masculinizadas] é muito menos visada, porque estava junto com um cara. [...] Na época, era isso, tinham pernas peludas, suvaco peludo, tinha uma voz mais grave, porque faziam uma voz mais grave. Mas muitos desses caras eram assim porque havia necessidade de uma proteção na noite. Precisava ter o feminino e o masculino, macho e fêmea. Porque se fossem apenas duas mulheres andando na rua, sozinhas, elas estavam fadadas a serem estupradas e a apanhar e acabou.

A partir desse relato é possível analisar não apenas a homofobia, mas também o machismo do qual as mulheres são vítimas, vez que são vistas como seres inferiores que não merecem ser tratadas com respeito e dignidade, tendo sua existência justificada para satisfação das necessidades dos homens, de modo que a hierarquia de poder entre gêneros dita que homens respeitem apenas outros homens.

A violência direcionada às mulheres sempre foi cruel, porém, relatos demonstram que, quando se descobria a sexualidade de mulheres lésbicas, eram realizados estupros corretivos, muitas vezes autorizados pela própria família, condicionado por uma cultura que classifica o lesbianismo como doença, como algo que precisa ser curado ou uma “conduta” que precisa ser corrigida (LENZI, SILVA, 2018).

A cultura social da época era preconceituosa e a ditadura contribuiu para que pensamentos de desprezo se tornassem atos violentos. Dessa maneira, retira-se a humanidade dessas pessoas, pois se alguém é diferente, os atos de violência são justificáveis, assim, normaliza-se a violência e legitima-se a eliminação por parte do Estado em contextos ditatoriais. O diferente era visto de forma negativa e intolerável. A repressão e censura atrasou de forma significativa todo o movimento, uma vez que a falta de comunicação entre as pessoas impedia

seu crescimento. Todavia, este separatismo também gerava revolta, fazendo com que os excluídos do movimento buscassem seu próprio espaço.

Em consonância com as inúmeras repressões sofridas no período da Ditadura Cívico-Militar, diversos levantes surgiram, como a comunidade gay, o movimento feminista e movimento lésbico brasileiro. A comunidade gay e o movimento feminista, a princípio rechaçaram fortemente o movimento lésbico, que era visto pelas feministas da época como algo que as descredibilizavam.

Oliveira (2017, p.8) aponta que “O movimento lésbico se pauta nas críticas dos movimentos feminista e homossexual que formam, segundo Lhomond (2009, p. 234), ‘a ponta de lança de uma crítica radical das normas sexuais’”. As lésbicas não demoram a perceber e criticar o machismo e misoginia do movimento homossexual e também o comportamento omissivo e heterocentrado das feministas. Posteriormente, o movimento lésbico passa a ser confrontado por mulheres pretas e trabalhadoras, por ser um movimento que só agregava mulheres brancas, da elite e universitárias, propondo então que ele fosse mais interseccional.

Por conta da violência vivenciada por esses grupos, uma das primeiras formas de combate ao silenciamento foi através de publicações alternativas que acabaram se tornando objeto de censura. Em 1981 foi lançado a primeira publicação ativista lésbica do país, “chanacomchana”, feita pelo GALF (Grupo Ação Lésbica Feminista), e evidenciou assuntos como falta de representatividade, preconceitos e abuso do poder policial. Como retaliação, na noite do dia 23 de julho de 1983, as membras do GALF foram expulsas do Ferro’s bar, além de ter sido proibida a comercialização do “chanacomchana”. Em resposta à tentativa de repressão e silenciamento, em 19 de agosto de 1983 foi organizado uma manifestação no referido estabelecimento, sob a liderança do GALF, o que fez com que os donos do bar voltassem atrás em sua decisão. Em homenagem ao acontecimento que foi a primeira manifestação lésbica no Brasil, a data marca o Dia Nacional do Orgulho Lésbico.

É comum do imaginário popular deduzir que a população aceitou pacificamente as atrocidades da ditadura. Porém, no período civil-militar houve uma grande organização política em defesa dos direitos de minorias (a manifestação no ferro's bar nos comprova isso), obtendo-se, então, a primeira correlação dos direitos da população LGBT e novas compreensões vinculadas à sexualidade relacionadas à democracia brasileira.

#### 4. Considerações Finais

Portanto, fica evidente a necessidade de divulgação do conhecimento e da informação, sendo necessário reconhecer que as violências direcionadas às mulheres lésbicas foram silenciadas pela própria população, em decorrência de uma cultura preconceituosa. Tal reconhecimento permite que os mesmos atos de violência não se repitam, pois como diz George Santana “aqueles que não conseguem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo”.

#### 5. Referências

FERREIRA, C. **Imprensa Homossexual: surge o Lampião da Esquina**. Revista Alterjor, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-13, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88195>. Acesso em: 6 out. 2023.

LENZI, Maria Helena; SILVA, Joseli Maria. **‘Faço de Conta que Eu Não Existo e Você Faz de Conta que Não Me Vê’**: Geografias Lésbicas na Ditadura Militar em Florianópolis–SC, Brasil. *Revista Latino Americana de Geografia e Gênero*, v. 9, n. 2, p. 114-152, 2018. ISSN 2177-2886.

OLIVEIRA, L. F. **Quem tem medo de sapatão? Resistência lésbica à Ditadura Militar (1964-1985)**. *Revista Periódicus*, [S. l.], v. 1, n. 7, p. 06–19, 2017. DOI: 10.9771/peri.v1i7.21694. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/21694>. Acesso em: 10 set. 2023.

SALGADO, Raquel Gonçalves; FERREIRA, Dantiely Martins; AMARO, Raquel Dias. **Memórias de Mulheres Dissidentes na Ditadura Militar como Antídoto à Democracia em Ruínas**. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 1601–1621, 2022. DOI: 10.12957/epp.2022.71763. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/71763>. Acesso em: 6 out. 2023.

MOREIRA, Rita. **Temporada de Caça**. YouTube. 9 de ago. de 2019. Acessado em 06 de out. de 2023. Disponível em <https://youtu.be/1bWC3nFCu58?si=fr6jvH4Fo1N0tzGu>.